

Pedagogias do luto: arte, estudos culturais e cosmovisões do bem-viver

Cardoso, Eduardo Prado ¹

Prado, Irene Chaves ²

RESUMO

A partir de uma experiência artístico-pedagógica realizada em 2025 com um grupo de mulheres aposentadas em Portugal, discute-se como o entrelaçamento dos estudos culturais com cosmovisões que propagam o bem-viver – como visto em Werá (2024) e Acosta (2016) – promove ricos debates sobre percepções, experiências e memórias do luto na sociedade ocidental contemporânea. A discussão segura, ampla e aberta aos grupos vulneráveis (como mulheres mais velhas em situação de solidão) ao mesmo tempo que tocou no desamparo, também provocou um deslocamento crítico (Noguera, 2022) que conecta os rituais de luto e de perda com a cosmovisão moderna hegemônica, marcada pela extrema individualização. Recupera-se a importância, com isso, de se reforçar a ação comunitária e integrativa das pessoas em propostas pedagógicas e/ou artísticas que valorizem a livre expressão e a escuta coletiva.

Palavras-chave: luto; arte; estudos culturais; bem-viver, envelhecimento.

Pedagogies of grief: art, cultural studies, and indigenous philosophy

ABSTRACT

Based on an artistic-pedagogical experience carried out in 2025 with a group of retired women in Portugal, this discussion explores how the intertwining of cultural studies with worldviews that promote “bem-viver /buen vivir” – as seen in Werá (2024) and Acosta (2016) – fosters rich debates on perceptions, experiences, and memories of grief in contemporary Western society. The safe, broad, and open discussion with vulnerable groups (such as older women experiencing loneliness), while addressing feelings of helplessness, also provoked a critical shift (Noguera, 2022) which connects mourning and loss rituals to the hegemonic modern worldview, marked by extremely individualistic traits. This highlights the importance of reinforcing community-based and

¹ Universidade Católica Portuguesa. Investigador pós-doutoral na CADOS-UCP. Email: epcardoso@ucp.pt. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0589378209187863>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8050-334X>.

² Universidade Federal do Sul da Bahia. Psicopedagoga formada pela Unicamp, autora e ilustradora. Email: irene48@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0114617173221990>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7582-7147>.

integrative action within pedagogical and/or artistic initiatives that value free expression and collective listening.

Keywords: grief; arts; cultural studies; indigenous philosophy; ageing.

Pedagogías del duelo: arte, estudios culturales y cosmovisiones del buen vivir

RESUMEN

A partir de una experiencia artístico-pedagógica realizada en 2025 con un grupo de mujeres jubiladas en Portugal, se discute cómo el entrelazamiento de los estudios culturales con cosmovisiones que promueven el buen vivir – como lo plantean Werá (2024) y Acosta (2016) – genera valiosos debates sobre percepciones, experiencias y memorias del duelo en la sociedad occidental contemporánea. La conversación, segura, amplia y abierta a grupos vulnerables (como las mujeres mayores en situación de soledad), además de abordar el desamparo, también provocó un desplazamiento crítico (Noguera, 2022) y conectó los rituales de duelo y pérdida con la cosmovisión moderna hegemónica, extremadamente individualista. Esto permite recuperar la importancia de fortalecer la acción comunitaria e integradora de las personas en propuestas pedagógicas y/o artísticas que valoren la libre expresión y la escucha colectiva.

Palabras clave: duelo; arte; estudios culturales; buen vivir; envejecimiento.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o luto a partir de uma perspectiva pedagógica é um desafio que exige escuta, abertura e disposição para o encontro. Mais ainda quando essa reflexão se dá em contextos de exclusão ou vulnerabilidade social, nos quais as práticas de silêncio e apagamento em torno da morte e da perda são frequentemente naturalizadas. Inspirado na pedagogia do diálogo de Paulo Freire e nos aportes metodológicos dos estudos culturais, este artigo parte da proposta de uma prática da educação não formal – facilitada por oficinas – como espaço legitimador da escuta, da partilha e da reflexão em torno do luto.

Com base na oficina “Encontro das águas: reflexões sobre o luto e o bem-viver”, realizada em Portugal junto ao programa social Aproximar Oeiras,



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>

analisamos como diferentes epistemologias e experiências culturais podem ser acionadas para reconstruir sentidos sobre o luto. A metodologia adotada esteve centrada na valorização de expressões artísticas e narrativas pessoais como mediadoras de processos de tomada de consciência, propondo uma abordagem plural e afetiva diante da perda. A colaboração com práticas comunitárias e solidárias esteve na raiz do nosso método, interessado nos processos culturais que informam, interpretam e calcificam sentidos sobre o luto.

Ao propor o diálogo entre pedagogia, arte e saberes não-hegemônicos – como os das cosmovisões indígenas – buscamos compreender de que forma o luto pode deixar de ser interdito para tornar-se processo de transformação individual e coletiva. Nesse percurso, o conceito de bem-viver ofereceu uma chave teórica e prática importante, permitindo tensionar a visão patologizante e individualista frequentemente associada à experiência do luto nas sociedades ocidentais.

Este texto, portanto, explora as intersecções entre educação, cultura e prática comunitária a partir de um exercício pedagógico que levou em conta tanto o impacto das perdas quanto a grandeza dos encontros. Através das vozes de mulheres mais velhas, dos referenciais teóricos e das práticas sensíveis desenvolvidas na oficina, abrimos espaço para pensar o luto como fenômeno educativo e cultural, capaz de ressignificar nossas formas de viver, lembrar e cuidar.

Intersecções da Pedagogia com os Estudos Culturais

Uma prática pedagógica verdadeiramente humanista, como escreveu Paulo Freire (1987), sustenta-se no diálogo. Para o autor, “os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com quem estão” (p. 49) podem vir a tomar corpo na tomada de consciência por meio da educação crítica. Entendemos que tal empreitada transformadora impacta tanto as pessoas aprendizes quanto aquelas que ensinam, numa troca feita de achados e resultados por vezes inesperados e contingentes. Essa nossa proposição de diálogos sobre o luto – e sobre percepções específicas seja do enlutar-se ou das relações semânticas que a palavra luto abriga na cultura – caracterizou-se por uma proposta pedagógica não formal, ou seja, facilitada por oficinas e encontros. No caso estudado, colaborando com um programa de apoio a pessoas aposentadas em situação vulnerável de solidão.



Consideramos que a oficina analisada se insere na categoria de educação não formal por conter características que a revisão da literatura de Marques e Freitas (2017) detectou como: de curta duração, coletiva, colaborativa, observacional, participatória, dotada de componentes emocionais, lúdica, ocorre num espaço de trajetória do indivíduo e é voluntária (p. 8-9). Dito isso, de que maneira esse objetivo pedagógico eminentemente dialógico coincide com a proposta dos estudos culturais, já que foi essa a inspiração metodológica considerada ideal para *Pedagogias do luto*?

Primeiramente, é na cultura que se sedimentam valores, tradições e percepções sobre o tema que pretendíamos explorar. Na literatura, no cinema, nas telenovelas, nos diários pessoais, nas fotografias de família, o luto sempre expressou ideias que nem sempre são popularmente debatidas, ou ditas com todas as letras. Por haver estigma nos modos de se expressar a perda em muitas sociedades ocidentais, pode-se recorrer a expressões culturais e artísticas para dar voz, para criar um terreno seguro e comum, para gerar identificação e empatia. As artes visual e literária foram compreendidas, assim, enquanto bases de diálogo sem as quais a nossa metodologia não encontraria razão de ser.

Um segundo e crucial aspecto sobre a aproximação do exercício proposto com os estudos culturais liga-se tanto ao foco no diálogo quanto às possibilidades de se criticar as estruturas de poder subjacentes às manifestações do luto na cultura e na sociedade. Desde Raymond Williams, os estudos culturais estimularam na academia e fora dela “uma prática de troca e reconhecimento mútuos, visando a um melhor e mais inclusivo modo de vida” (Couldry, 2022, p. 48) – quer seja por abordar de maneira sistemática práticas culturais antes negligenciadas ou por intervir na realidade sociopolítica via procedimentos culturais. Essa práxis da inclusão ressoa particularmente importante por um ponto de vista educacional, mas não somente. É fundamental que a arte e a cultura dialoguem constantemente com as franjas da sociedade para que se perceba como certas transformações ocorrem em contextos específicos. Da relação de proximidade e troca genuína é possível extrair-se uma série de ideias e expressões em comum que têm o grande potencial de iniciar ações preventivas, terapêuticas, sustentáveis e democráticas.

Ainda que o propósito dialógico nem sempre se constitua num plano de longo prazo com expectativas detalhadas e resultados claros, partimos da ideia de que os estudos culturais podem orientar quais perguntas nos inquietam e

têm a capacidade de provocar e detonar discussões. Notamos como as propostas não-hegemônicas de interpretação e diagnóstico do luto podem tematizar as mecânicas das sociedades de capitalismo tardio e assim representar um contributo teórico e prático bastante expressivo, que resulta em diálogos e trocas valiosas. A seguir, discutiremos algo que os estudos culturais principalmente latino-americanos historicamente endossaram: a importância de se considerar correntes de pensamento e prática não-hegemônicas num contexto social e que lida com a exclusão ou vulnerabilidade – ainda veremos como as manifestações espontâneas da nossa oficina refletiram uma abertura intelectual e emocional que dificilmente encontraria guarida em contextos tradicionais e institucionais de discussão do luto.

O Bem-Viver Como Prática Artístico-Pedagógica

Discutir o luto através da escuta ativa e da partilha de experiências possui várias vantagens, como por exemplo comparar posições e ideias, criar laços interpessoais ou mesmo corroborar a existência da pluralidade. No entanto, uma atividade como a nossa, feita no âmbito de um programa voltado para pessoas em situação vulnerável, colocou uma grande responsabilidade já de início: problematizar as dimensões do luto na sociedade portuguesa, num grupo de mulheres, apresentou-nos a oportunidade de questionar determinadas formações culturais, sociais e políticas que relegam o luto ao não-dito, ao reprimido e interdito. Pareceu-nos evidente que, não apenas os estudos culturais teriam a abertura necessária para posicionar outras visões e cosmovisões sobre o luto, a perda e a morte, como também provocariam novas tomadas de consciência no grupo acerca dos modos de viver humanos que abarcam, também, subjetividades sobre o luto.

Tais despertares sobre o luto e as suas relações plurais na sociedade, contudo, requisitaram uma metodologia baseada na crítica e no ato de escutar. Ao trazermos perspectivas escritas, visuais e de outras naturezas epistemológicas, tencionamos primeiramente estabelecer a relação ao mesmo tempo singular e diversa da experiência do luto. É importante destacar que a autora, ilustradora e educadora Irene Prado pode, ao participar da oficina e falar da sua obra sob uma perspectiva pessoal, sinalizar essa convivialidade sem a qual a partilha poderia ficar comprometida. No seguimento, foi o nosso objetivo promover diálogos que compreendessem as dimensões do luto na cultura nas suas especificidades e que indicassem, às participantes, modos do bem-viver possíveis.



Para a nossa atividade, inspirada na obra “Encontro das águas: porque o luto dói” (2024), sempre foi primordial promover visões alternativas àquela clássica, letrada e ocidental sobre as percepções do luto e da perda. Num contexto português, isso significou dialogar sobre a possibilidade de associar o luto ao conceito de bem-viver – o nome da atividade já expressava tal objetivo: “Encontro das águas: reflexões sobre o luto e o bem-viver”. Do que se trata o conceito de bem-viver e qual seria a sua contribuição nesse contexto de discussão do luto?

De maneira lata, o bem-viver foi sistematizado por autores como Alberto Acosta (2016) como um chamado à mudança de paradigma sobre o desenvolvimento humano e a vida coletiva, tão marcados por séculos de extrativismo e pela perspectiva colonial sobre o mundo. Dessa forma, o bem-viver, inspirado por modos de ver e estar indígenas, sustentáveis, solidários, poderá provocar uma viragem utópica necessária, servindo por exemplo de “plataforma para discutir, consensualizar e aplicar respostas aos devastadores efeitos das mudanças climáticas e às crescentes marginalizações e violências sociais” (Acosta, 2016, p. 33). Essa inclinação a uma transformação ampla e verdadeiramente estrutural tem repercussões econômicas, sociais e também culturais. Afinal, é pelas histórias que as tradições ganham forma, peso e relevância na construção da identidade e na repetição dos padrões sociais. A expressão do luto não está dissociada dessas implicações mais basilares nas sociedades ocidentais, e daí surgiu o nosso interesse em debater modos plurais de se viver o luto – até para checar se havia mesmo tantas diferenças observáveis nos relatos pessoais de mulheres portuguesas mais velhas.

No nosso contexto, a atividade artístico-pedagógica proposta foi profundamente inspirada pela obra “Tekoá – uma arte milenar indígena para o bem-viver” (2024), de Kaká Werá. O livro propõe, em linha com a filosofia do bem-viver (tekoá-porã) do povo guarani, uma mudança de chave tal qual Acosta apregoa, num apelo por novos paradigmas de explicação do mundo e que reformulam o binômio humanos-natureza – isso é especialmente importante quando considerado o fracasso humanista e ecológico que se apresenta em tantos níveis na contemporaneidade. A ideia de “um ‘outro pensamento’, assentado na epistemologia da ética e no respeito à diferença” (Pacheco, 2012, p. 9), portanto, é um objetivo que se faz na escolha das nossas metodologias acadêmicas ou criativas. Enriquecer o pensamento sobre o luto na sociedade individualista e patologizante de hoje demanda uma pedagogia da escuta radical e de demonstrações coletivas práticas. Se no

cerne da dificuldade de se falar sobre a morte está a própria concepção antropocêntrica de finitude, só faria sentido explorar as possibilidades de formação crítica e pessoal ao reposicionar o que se pensa sobre o luto, por exemplo, nas sociedades modernas ocidentais. Uma vez que “a cosmovisão moderna pecou ao se considerar sinônimo de conhecimento único, verdadeiro, universal, esquecendo se tratar de uma cosmovisão dentre outras” (Miglievich-Ribeiro, 2014, p. 77), o contexto artístico-pedagógico facilitado teve por objetivo trazer por meio do diálogo a perspectiva bastante ampla de que o luto tem manifestações individuais, plurais, e pode ser compreendido e partilhado por vários meios, não apenas o escrito. Escapa, portanto, às lógicas meramente racionalistas ou históricas o que é, de fato, viver um luto. Procurou-se questionar até mesmo a semântica do termo luto para dissociá-lo de uma explicação universal e totalizante.

Na base da filosofia do bem-viver está, como foi descrito em conjugação com as práticas da pedagogia do oprimido e com os estudos culturais, uma preocupação com a alteridade e com a troca. Assim, ao “evidenciar as culturas distintas, os olhares diversos, as experiências dos povos originários” (Zart, 2025, p. 27), entendemos que seria possível contribuir para reformar o debate sisudo sobre perda e luto, e com sorte criar canais de empatia e estabelecer relações sociais (Tortosa-Martínez; Caus; Martínez-Román, 2014, p. 164), algo tão raro nos nossos dias corridos e pautados pela eficiência.

Quais questões específicas sobre as experiências do luto nos são provocadas ao ler Werá (2024)? O primeiro ponto a se notar é a crítica à interdição do debate que se observa comumente nas mais variadas famílias, e, mais além, nas culturas ocidentais ao lidar-se com a morte. Invariavelmente, o morto e a tradição varrem para debaixo do tapete não apenas a tristeza, mas a discussão mais ampla sobre a finitude. Isso pois, em sociedades como a brasileira e a portuguesa (para boa parte das pessoas) “a morte é um grande tabu civilizatório. Não sabemos morrer, no sentido de que não sabemos, em muitas ocasiões de nossa existência, aceitar ou reconhecer um fim” (Werá, 2024, p. 155). “Não saber morrer” recupera tanto a ideia de que está disseminada na cultura de base clássica ocidental uma falta de consciência, de crítica, de troca humanizada, como o desejo por uma educação, por uma pedagogia que inclua tanto os saberes originários e marginalizados, como a própria pluralidade ao se viver o luto que é própria dos seres humanos.

Um dos conceitos-chave em Werá (2024) e que aparece explicitamente na obra de Prado (2024) foi, então, cristalizado na oficina aqui analisada: a

impermanência. Conectada tanto à finitude quanto à transformação, essa ideia é essencialmente pedagógica, pois trata do chegar a saber, do aprender, do mover-se em direção ao diferente. Isso obriga-nos a um exercício de humildade e aceitação da falta de controle sobre o que nos cerca, ao mesmo passo em que nos convida à ação – já que está na cultura humana o desejo de descobrir, sair da inércia. Como diz o autor, “no coração da filosofia do bem-viver, a natureza da impermanência que o mundo material nos apresenta, como o fluxo de um rio, deve ser acolhida como um elemento inescapável da jornada humana” (Werá, 2024, p. 142).

Aproximar: Entre Culturas e Gerações

Em colaboração com o programa de solidariedade social Aproximar Oeiras, sediado em Portugal, esta pesquisa propôs uma oficina com o objetivo de discutir o luto num contexto diferente dos moldes tradicionais, ou seja, que não perseguisse uma aprendizagem vertical e que não apresentasse narrativas e exercícios homogêneos, que reforçassem a ideia de uma experiência única sobre o luto – a mais presente no senso comum, de que ela é tão pesada e difícil que não merece ser compartilhada. Por um lado, essa vontade de explorar outras epistemologias do luto em grupo já constava na nossa agenda investigativa e criativa. Por outro, a coordenadora do programa já mencionara a dificuldade de conseguir adesão a rodas de discussão sobre o tema, o que nos fez crer na possibilidade de atrair pessoas pela singularidade da oficina.

O Aproximar Oeiras tem o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras e combate o isolamento e a solidão de pessoas aposentadas através de atividades variadas: teatro, remo, inglês, e rodas de conversa a preços simbólicos. Apesar de diminuta, a estrutura do programa conta, além da sua coordenadora, com uma psicóloga e uma assistente social, além do corpo de voluntários que atua como professores das mais diversas atividades de formação, lazer e engajamento social. Essa faceta do apoio psicológico e da assistente social foi fundamental para que tivéssemos a segurança de, primeiramente, ser este um projeto sério e que apoia as pessoas mais velhas em situação vulnerável de modo transversal – isto é, o seu plano de aulas e cursos é oferecido em conjunto com uma série de debates e encontros que promovem a partilha do que significa estar neste período da vida aposentada de maneira plural. Ademais, era importante que confiássemos na equipe presente pois a troca de experiências sobre o luto, em Portugal e no Brasil, ainda traz desconforto, peso e muitas vezes intimida. Contar com a

intermediação da equipe do Aproximar para chamar as pessoas à participação e estar presente no dia da oficina foi fundamental para que as pessoas se sentissem à vontade³.

Outro ponto a ser sublinhado é o caráter transgeracional que várias das atividades do Aproximar Oeiras propõem, seja colaborando com o Núcleo de Instrução e Beneficência e a creche local ou outras instituições. Essa via de inclusão das pessoas mais velhas é fundamental para promover o aprendizado mútuo, ou seja, destacar das pessoas vulneráveis o estigma promovido pelas sociedades capitalistas de que sem a juventude – e, portanto, diminuindo a produtividade industrial (Sontag, 1972, p. 286) – não haverá lugar para os mais velhos, senão nas casas de repouso. A velhice percebida como ameaça (Krenak, 2022, p. 58) só fará sentido para comunidades que não a integram filosófica e socialmente. Das propostas criativas e genuinamente interessadas no que as pessoas marginalizadas e vulnerabilizadas têm a dizer nascerão as novas configurações da convivência, caso contrário as mesmas causas que as colocam à margem continuarão a produzir segregação, solidão, individualismo e extrativismo.

O encontro realizado em 19 de fevereiro de 2025 em Paço de Arcos, Oeiras, Portugal, foi divulgado com o nome de “Encontro das águas: reflexões sobre o luto e o bem-viver” e convidou participantes do programa Aproximar Oeiras para uma atividade que será detalhada de agora em diante. Estiveram presentes 12 mulheres residentes em Portugal (do concelho de Oeiras, majoritariamente) com idades variadas a partir dos 60 anos, a maioria já conhecida do programa, além de algumas recém-chegadas. Como norte da atividade, a troca de experiências e de visões sobre o luto, a partir de três etapas:

Uma primeira rodada de apresentação convidou as mulheres presentes a expressar o que compreendiam, sentiam ou pensavam quando se pensava na palavra ou no conceito do luto. Estimuladas a escrever ou desenhar, as participantes trouxeram tópicos que associavam fortemente ao luto, como saudade, ausência e memória. Debateram a possibilidade de, em algum estágio, conseguir conectar a ausência daquela/daquilo que se foi com alguma presença. De conseguir sorrir com uma piada. Algumas também falaram de como se preparar para o luto – dado o processo de envelhecimento de si e de outras pessoas. Decorrente deste último, discutiu-se como o tempo a correr

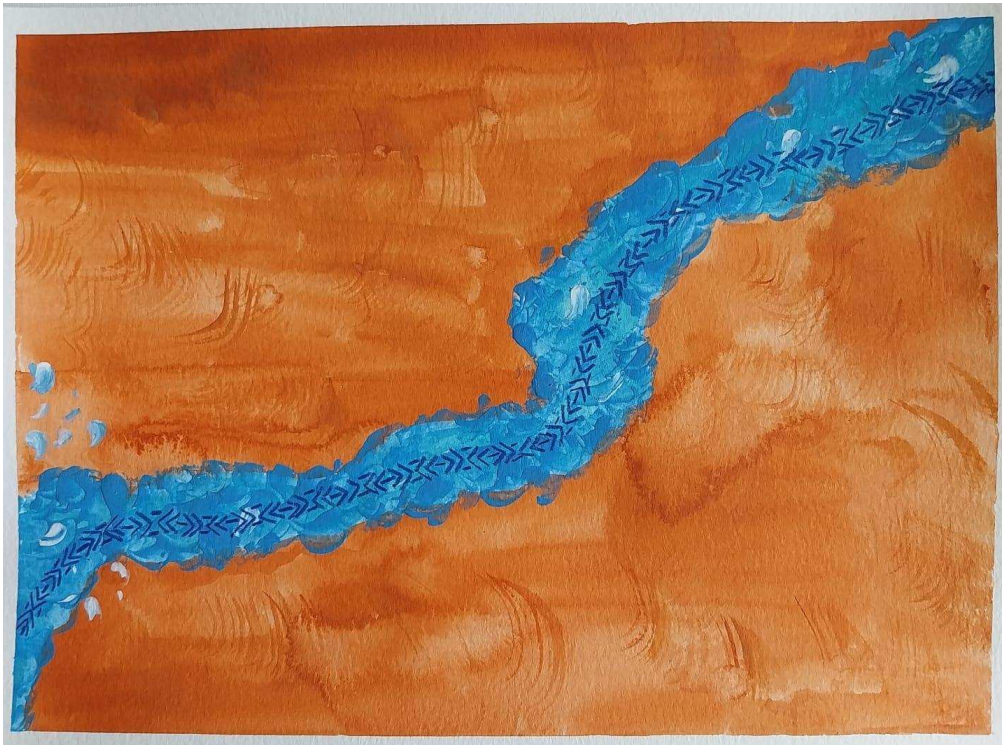
³ Cabe destacar que as participantes desta oficina consentiram o presente estudo. Ainda assim, preservamos os nomes das donas das histórias e situações partilhadas.

causa-nos uma variedade de sensações, como por exemplo a de viver no passado ou no futuro.

Em outro momento, foi lido em conjunto o livro “Encontro das águas: porque o luto dói” (Prado, 2024), numa partilha sobre a possibilidade de se narrar e fabular não apenas o luto como a própria gênese da vida, com inspiração nos mitos de origem do mundo dos povos originários brasileiros. Ao criar uma história de nascimento do luto inspirada pela morte da sua mãe Acy, a autora Irene Prado posicionou a conexão com a natureza – com destaque para as fontes naturais de água no mundo – como fundamental para se compreender a perda, mas também a formação da memória e da ancestralidade.

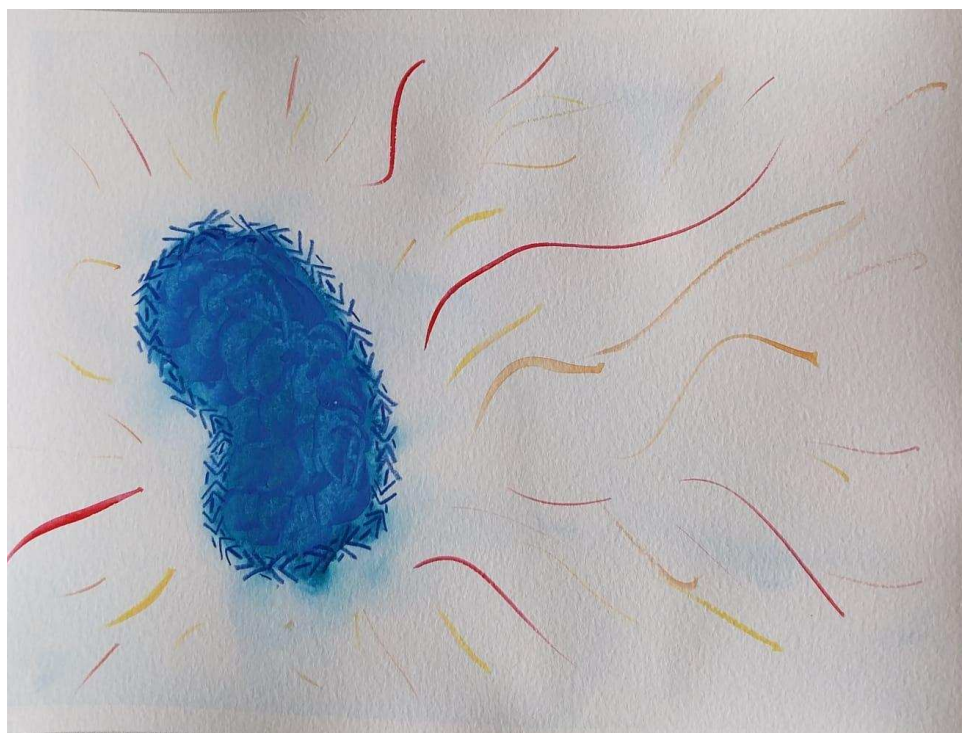
Em um excerto, conta-se: “Nesse instante / onde a dor se fez presente / a semente mágica se abriu / e de dentro dela / escorreu água / salgada / e se transformou no mar” (Prado, 2024, p. 10). A arte, feita em aquarela, evoca um encontro das águas que ganha outro significado com a ausência da personagem Acy. Tal estado de impermanência conjuga a “matéria” do mundo dos sentidos com uma palavra com a mesma raiz: “mãe”, aqui a fonte da vida e ancestralidade. Essa etimologia coincidente evoca uma matéria, pela produção em aquarela, que carrega “memória emocional e sentido” (Findley, 2018, p. 171). Trazer esta obra foi fundamental para discutir-se a expressão do luto por vias que não as verbais ou com um histórico unívoco, para assim dar vazão a imaginários plurais sobre o tema.

Figura 1: Arte do livro ilustrado “Encontro das águas”



Fonte: Prado (2024).

Figura 2: Arte do livro ilustrado “Encontro das águas”



Fonte: Prado (2024).

Parecia-nos fundamental que o desdobramento da atividade sugerisse que a expressão de qualquer subjetividade pode encontrar vazão pelas mais variadas formas, e isso foi calculado tendo em mente a proposta de fornecer materiais para desenho, se assim as mulheres desejassem dar a conhecer o que percebiam sobre a perda. Uma das participantes desenhou, com tintas azuis, um misto de céu e rio, relacionando as lágrimas que vertera pela ausência do marido falecido às nuvens carregadas de chuva. Uma relação entre a expressão artística e o luto é descrita por Vieira e Cintra (2016) como uma tensão entre a vontade de metaforizar o que foi destruído e certos ideais arraigados e até mesmo infantis que parecem constantes, firmes. Isso parece especialmente relevante no caso do método visual empregado pela participante da atividade, que se sentiu mais à vontade para ilustrar a própria experiência de luto através de cores e metáforas que poderiam ser compreendidos por uma criança.

Essa abertura aos conceitos-chave ao mesmo tempo singulares (o traço da participante, a sua escolha de cores) e universais (o estado da natureza como conectado ao estado emocional interior) de fato contribuem para uma abertura à troca que está no cerne da nossa proposta. A associação entre o elemento água e a transformação gerada no processo de enlutamento – que foi depois discutida à luz da obra de Irene Prado – ganhou uma explicação da participante, que mostrou o desenho às outras pessoas presentes. Ela partilhou histórias pessoais e outras participantes passaram a conhecer outras dimensões da sua vida em comunidade. O fato de que a mulher se expressou por meios visuais foi fundamental para que a oficina testasse a possibilidade de diálogo empático a partir da espontaneidade de quem ali estivesse.

Dois pontos sobre as ilustrações discutidas à luz do processo de luto da autora merecem atenção: uma das possibilidades pedagógicas, como discutimos anteriormente, é a de posicionar o diálogo sobre o luto como, ele mesmo, transformador. Não pelos saberes verticalizados, mas na demonstração, por via artística e interessada na troca, de que existe uma permanência geral que rege a vida e, portanto, haverá uma diversidade de ferramentas e sentidos possíveis para compreender tal instabilidade. Ao mesmo tempo, signos visuais relacionais e conjugados com a natureza (rio, semente, terra, nuvem) estabeleceram um entendimento para além das palavras: tal reforço de que a epistemologia do luto é flexível, comparativa e aberta foi crucial para retirar a discussão e o próprio termo luto de um pedestal que muitas vezes nem se sabe por que razão foi retirado da comunhão.

Outra relação importante que a arte em questão permitiu discutir-se foi a relação entre a ancestralidade e o luto. Os estudos culturais permitem identificar a mercantilização das emoções e a invisibilidade das ideologias dominantes nas manifestações da cultura – isso é fundamental tanto para se retirar do indivíduo o peso e a culpa do fracasso numa sociedade neoliberal individualista, quanto para reforçar o poder das manifestações artísticas e culturais de modo geral. No caso em tela, explorar o nascer de um “mito” sobre o luto como o livro de Prado propõe, significou relacionar a morte e a perda a uma linhagem familiar e aos ciclos de transformação da natureza. Questionou-se assim, tanto o poder humano universal de explicação do mundo como o peso insuportável que representam perdas que, no fundo, sobrevalorizam a existência compreendida apenas a partir da vida humana.

Partilhas Sobre o Luto



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>

Um momento a se destacar sobre esse encontro artístico-pedagógico recuperou sentidos sobre o luto a partir de reflexões escritas recentes para discutir de que forma eles ressoavam nas participantes. Três principais obras – “Notas sobre o luto”, de Chimamanda Ngozi Adichie (2021), “Tekoá” (2024) e “O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte”, de Renato Noguera (2022), foram escolhidos pelas maneiras diversas com que abordam as questões do luto e da perda, numa mirada não-branca e ocidental. Também esteve entre os livros “A morte é um dia que vale a pena viver”, de Ana Cláudia Quintana Arantes (2019), com a agenda de uma medicina humanizada e pautada no diálogo e na memória.

A partir de um caderno com frases escritas à mão tiradas das obras mencionadas e que se aproximavam dos temas da perda e do luto, as participantes foram convidadas a escolher uma página ao acaso, ler em voz alta a citação e dizer se tal pensamento ecoava na sua própria experiência. Foi neste momento da oficina que as memórias pessoais transbordaram e a discussão abriu-se, evocando emoções e conexões. A seguir, algumas frases que suscitaram o debate:

“O luto expõe novas camadas em mim, raspando escamas de meus olhos” (Adichie, 2021, p. 23); “Os ciclos da natureza são também os ciclos da passagem da nossa vida” (Werá, 2024, p. 15); “Aceitar perdas é reconhecer o importante papel da morte como uma orientadora de limites” (Werá, 2024, p. 156); “O luto trata de aceitarmos a realidade inevitável do limite da vida e garantir que quem partiu passou a compor o panteão da ancestralidade (Noguera, 2022, p. 69); “Em um mundo onde se permitir sentir tristeza parece cada vez mais impróprio o luto se torna cada vez mais difícil” (Noguera, 2022, p. 25); “Não morremos somente no dia da nossa morte. Morremos a cada dia que vivemos, conscientes ou não de estarmos vivos” (Arantes, 2019, p. 58). Como se pode ver pela seleção, os escritos versam sobre tomadas de consciência sobre a limitação vital dos seres humanos, de revelações que podem advir do processo de luto e das diferentes cosmovisões sobre a passagem do tempo, do envelhecimento e do pertencimento ao mundo e à comunidade. Esses pensamentos foram confrontados com percepções muito singulares e especiais pelas participantes do evento, e merecem uma descrição mais detida por evocarem relações com o luto surpreendentes.

O Corpo Vulnerável e os Efeitos Pandêmicos



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>

Um tópico bastante rico que surgiu no debate sobre possíveis significados do luto foi a noção da vulnerabilidade de si mesma. Uma participante confessou ter passado a pensar muito mais na própria finitude quando se acidentou recentemente. Aliada a isso, a memória recente da mãe que falecera durante a pandemia de Covid-19 trazia uma nova consciência sobre a sua morte. É possível encontrar artigos brasileiros (Giamattey *et al.*, 2022; Silva; Rodrigues; Aisengart, 2021) que relacionaram o difícil período pandêmico de isolamento e de medidas sanitárias extremas com a dor de familiares em não conseguir ritualizar as perdas de entes queridos, algo que criou até mesmo espaço para a vinculação deletéria entre o luto e a patologia.

Nesse sentido, discutiu-se com a participante o modo como, por exemplo, para Adichie o luto revelou outras profundidades sobre ela mesma. A pandemia, por ter afetado Brasil, Portugal e todo o mundo, criou uma conexão entre as participantes da discussão: parecia ter sido um evento extremamente recente, mais ainda pouco debatido. As repercussões das mortes aos montes (e ainda assim únicas, pessoais) realmente ainda são sentidas. Para a mulher que percebeu a proximidade do fim ao se acidentar, houve uma correlação entre o luto de quase não estar mais, numa descoberta de que a experiência recente da morte da mãe lhe é familiar em vários níveis. Isso não é incomum de se encontrar em estudos com idosos que se acidentam e experimentam uma sensação de que “a morte também é vivida no próprio corpo, antecipadamente enlutado – machucado, limitado, mutilado, impedido de trabalhar e de fazer o que deseja ou gosta” (Giacomin; Santos; Firmo, 2013, p. 2494).

Essa categoria encontrada espontaneamente na oficina configura uma faceta do luto que, curiosamente, retira dos seres humanos a *impossibilidade* de perecer. Ao dizer-se vulnerável, a participante abriu-se ao grupo num sentido pedagógico radical, que é o do reconhecimento da limitação – do corpo e da própria vida. Ela permitiu, novamente, que se dissociasse o luto da percepção de fracasso ou do conhecimento total.

A Memória de Guerra e os Traumas Coletivos

Outra partilha especialmente evocativa da pluralidade dos sentimentos associados ao luto foi de uma mulher moçambicana presente no nosso encontro que evocou o sentimento de perda intimamente conectado ao exílio e às mortes decorrentes dos conflitos na sua terra natal. Mais especificamente, a

mulher destacou o retorno psicológico que tem vivido ao ler e assistir a notícias de guerras em curso em 2025 (a invasão da Ucrânia pela Rússia, o genocídio do povo palestino). Há uma relação entre o luto e a ausência de processos de paz na contemporaneidade e de como isso aflige particularmente os cidadãos de países que foram dominados colonialmente, pois se no horizonte democrático não há a incorporação de reparações a vítimas e afetados pelas tragédias humanitárias e genocídios, o processo de luto invariavelmente estará comprometido.

Para muitos moçambicanos que perderam pessoas, casas e terras seja na Guerra de Independência (1964-1974) ou na Guerra Civil (1976-1992), “a realidade exterior continuava sendo marcada pela dor, medo e incerteza em relação ao futuro, particularmente na manutenção da paz” (Efraime Júnior, 2014, p. 250), condicionando até mesmo pessoas migrantes e expatriadas a um constante retorno à vivência de perda sentida e traumática. A existência da dúvida sobre a possibilidade de paz no mundo muitas vezes já é suficiente para recolocar esses traumas no primeiro plano. Esse tópico é sensível pois foi portuguesa a empreitada colonial que durou séculos e ainda lega feridas abertas nos territórios que invadiu. Algumas das tecnologias de silenciamento durante a Guerra de Independência deixaram traumas tão dissociativos que há quem testemunhe um luto de si mesmo (West, 2003), tal foi o silenciamento imposto nas pessoas que viveram direta ou indiretamente as guerras mencionadas. Dito isso, o fato de a mulher partilhar a experiência no ambiente seguro da sua nova terra que é Oeiras, cercada de pessoas igualmente interessadas em se abrir para os significados do luto, marca uma ruptura importante nessa cosmovisão colonial e branca que ignora os efeitos do enriquecimento baseado na exploração e no conflito.

Uma pedagogia do luto que estimule, portanto, a crítica aos sistemas de construção cultural e política – como esse que produz traumas coletivos – valoriza a experiência singular mas não a remove do seu contexto histórico. Pelo contrário, interessa que o grupo possa estabelecer vínculos e associações entre os seus processos de luto e as macroestruturas sociais. Isso pode incentivar mecânicas da memória e do pensamento inovadoras: uma comparação entre a experiência enlutada de guerra em Moçambique e os conflitos contemporâneos pode delinear responsabilidades e compromissos sociais que mitiguem essas dores – pode-se pensar em como os cidadãos portugueses comumente evitam o passado colonial e as ramificações que ele ainda possui.

Separações, Divórcios e a Morte em Vida

Um terceiro caso que comoveu todas as pessoas presentes foi o de uma participante que, muito emocionada, revelou que o maior luto que sentira na vida fora motivado não por uma pessoa que morrera, mas que a deixara. Segundo ela, nem mesmo as mortes de familiares a tinham afetado tanto emocionalmente. Essa perspectiva de uma separação ou divórcio como um detonador do processo de luto sem que uma morte aconteça toca na questão da consciência sobre ter propósitos após uma grande frustração ou desencanto, com uma relação e consigo. Isso, no contexto português, apresenta uma dimensão feminina importante: durante a longa ditadura salazarista, foi reforçada uma ideologia de “regresso ao lar” (Cova; Costa Pinto, 1997), numa clara submissão das mulheres ao espaço doméstico. Isso gera até hoje, um processo de recalçamento em vários níveis e que interdita a expressão de ideias, de sentimentos e angústias.

No contexto do Aproximar Oeiras, essa luta pela autonomia do pensamento, da ambição e da crítica pessoal é fortemente estimulada, e mesmo assim observa-se que não havia, na nossa atividade, nenhum participante homem. Isso denota uma marca de gênero associada às convenções e tradições sobre o que é correto e aceitável de se fazer no espaço público. Dada essa configuração (que também se observa em certos contextos brasileiros), o desafio de convidar o grupo de mulheres a compartilhar percepções tão pessoais sobre o luto mostrou-se altamente justificado. Esse momento de colocar para fora ideias particulares sobre a perda, e, principalmente, ouvir da boca de amigas, conhecidas ou simplesmente de outras mulheres que existe a possibilidade de uma separação ser tão inesquecível e até mesmo traumática foi único e apreciado pelas mulheres presentes. Várias delas aproveitaram a ocasião para relatar como o programa as tem ajudado a superar perdas pessoais e a solidão ocasionada por esses lutos diversos que uma mulher aposentada pode experimentar.

A citação de Noguera (2022, p. 25), sobre a dificuldade colocada nas sociedades contemporâneas, de se permitir a tristeza e mesmo de se passar pelo luto, corrobora a necessidade de entendermos que a discussão do luto ganha contornos muito mais interessantes pela ótica não-ocidental do bem-viver, dado que alguns dos achados nos testemunhos das mulheres relaciona características diretamente vinculadas à cosmovisão moderna colonial: patriarcal, bélica, patologizante e individualista. Os sentimentos de



rejeição, culpa e medo que se podem associar ao processo de luto e perda ganham outras cores e sentidos quando partilhados: a experiência coletivizada causa uma fissura nas ideias preconcebidas que antecedem a perda – a própria constituição do sujeito ético e cultural pode ser posta em causa quando se procura uma prática mais aliada ao bem-viver, ou seja, menos interessada no antropocentrismo e no individualismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Pedagogias do luto” pretendeu uma aproximação ao tema do luto por meio do cruzamento entre os estudos culturais, os saberes não-hegemônicos, como dos povos originários brasileiros, e um grupo de mulheres aposentadas da região de Oeiras, Portugal. No nosso encontro, foram propostas expressões pessoais escritas ou por desenhos sobre o termo luto, foram discutidas frases tiradas de livros cujas perspectivas sobre o tema são diversas, e finalmente foi lido em conjunto um livro ilustrado da autora Irene Prado (2024) que recria por visuais e histórias um mito do luto, inspirado na perda da mãe da autora.

Os debates ocorridos no seio da oficina recuperaram a missão pedagógica de interesse mútuo pelas experiências pessoais e do apreço por formas de existir altamente singulares, mas que ao mesmo tempo dialogam a todo tempo com a sua comunidade. São testemunhos e trocas de valor cultural, educacional e social, pois dão pistas de como o luto é experimentado na contemporaneidade em Portugal. Compreendendo a prática pedagógica do luto enquanto uma dinâmica atenta às estruturas que causam as dores e prejuízos altamente individualizados da sociedade, tivemos a oportunidade de promover debates que partiram da singularidade da perda para desafiar esta lógica única de experimentar o luto.

Uma das ferramentas práticas, envolvendo elementos visuais (tanto do livro ilustrado quanto dos desenhos das participantes) possibilitou a expansão epistemológica sobre o tema, indicando que cores, traços e símbolos não-verbais podem dar conta de ideias, memórias e construções mentais relacionadas tanto à perda quanto à impermanência e à transformação dos estados vivos. Além disso, os relatos pessoais permitiram que se notassem algumas categorias temáticas profundamente ligadas às macroestruturas sociais com as quais as participantes se relacionam, especificamente pelo avanço da idade, do seu gênero e das estruturas coloniais e ditatoriais de Portugal.

Um denominador comum que se faz necessário discutir após a análise da atividade realizada é como fica clara a oposição do conceito amplo de bem-viver e os modos de existir que causam dor e sofrimento no atravessar das pessoas pelo luto. Quanto mais individualista e antropocêntrica a sociedade se torna, ela é capaz de encontrar justificativas para conflitos e isolamento, para separações e estigmatizações que uma só atividade pedagógico-artística não é capaz de resolver ou curar. No entanto, fica clara a possibilidade de abertura que uma ação dessas pode trazer, ainda mais se amparada por um programa mais amplo de interesse pela socialização e autonomia crítica das mulheres mais velhas. Percebemos esse tipo de colaboração como parte integrante de qualquer sociedade que se quer democrática e atenta aos problemas sociais decorrentes das sociedades ocidentais, comumente refratárias à filosofia do bem-viver.

Há, agora, a excelente possibilidade de se analisar os achados envolvendo percepções do luto tanto no Brasil, como em contextos de idades e etnias diferentes, para que se comparem as incidências das práticas de um bem-viver que inclui o luto não apenas como sofrimento inevitável, mas possibilidade de transformação. Acreditamos piamente na chance que temos, coletivamente, de compreender os processos de perda e morte de maneira mais integrada com tudo o que nos cerca, uma vez que “a morte desloca a nossa pretensão de controle e o luto nos convoca para uma conexão com o nosso desamparo” (Noguera, 2022, p. 33). Está dada a oportunidade de detectar como esse desamparo num nível pessoal e individual se liga às práticas de governo e gestão nas sociedades contemporâneas, para que então encontremos ações diretas e indiretas, em diferentes escalas, para encontrar harmonia e conexão profunda com o tempo e o espaço que habitamos.

REFERÊNCIAS

Acosta, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. 1ª edição. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

Adichie, Chimamanda Ngozie. **Notas sobre o luto**. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Arantes, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>

Couldry, Nick. Estudos culturais – podemos/devemos reinventá-los?. *In*: Santos, Luís Henrique Sacchi dos; Karnopp, Lodenir Becker; Wortmann, Maria Lúcia Castagna (orgs.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 45-56.

Cova, Anne; Costa Pinto, António. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope**, 17: 71-94.

Efraime Júnior, Bóia. Caminhos moçambicanos para a construção da democracia em Moçambique: notas de uma leitura psicanalítica. *In*: Brito, Luís de; Castel-Branco, Carlos Nuno; Chichava, Sérgio; Francisco, António (orgs.). **Desafios para Moçambique 2014**, Maputo: IESE, 2014. p. 249-280.

Findley, Jules. **Fragmentation: materialising mourning from complicated grief**. 216 f. Tese (Doutorado em Artes) - Royal College of Arts, London, 2018.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Giacomin, Karla Cristina; Santos, Wagner Jorge dos; Firmo, Josélia Oliveira Araújo. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18 (9): 2487-2496, 2013.

Giamathey, Maria Eduarda Padilha; Frutuoso, Joselma Tavares; Bellaguarda, Maria Lígia dos Reis; Luna, Ivânia Jann. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, 26:1-9, 2022.

Krenak, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Marques, Joana Brás Varanda; Freitas, Denise de. Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, 43 (4): 1087-1110, 2017.

Migliovich-Ribeiro, Adelia. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas**, 14 (1): 66-80, 2014.

Nogueira, Renato. **O que é o luto**: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022.

Pacheco, Agenor Sarraf. Os estudos culturais em outras margens: identidades afroindígenas em “zonas de contato” amazônicas. **Revista de História e Estudos Culturais**, 9 (3):1-19, 2012.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>

Prado, Irene. **Encontro das águas**: porque o luto dói. Ouro Preto: Caravana, 2024.

Silva, Andreia Vicente da; Rodrigues, Claudia; Aisengart, Rachel. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista NUPEM**, 13 (30): 214-234, 2021.

Sontag, Susan. The double standard of aging. **Saturday Review of the Society**, 39: 285-294, 1972.

Tortosa-Martínez, Juan; Caus, Nuria; Martínez-Román, M. Asunción. Vida triste y buen vivir según personas adultas mayores en Otavalo, Ecuador. **Convergencia Revista de Ciencias Sociales**, 65:147-169, 2014.

Vieira, Marcus Rodrigues Jacobina; Cintra, Elisa Maria de Ulhôa. O trabalho criativo: perda, luto e metáfora. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 9 (1): 50-66, 2016.

Werá, Kaká. **Tekoá** - uma arte milenar indígena para o bem-viver. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

West, Harry G. Voices twice silenced: betrayal and mourning at colonialism's end in Mozambique. **Anthropological Theory**, 3 (3): 343-365, 2003.

Zart, Laudemir Luiz. Formação crítica e decolonial: superação de modos de dominação e a construção social coletiva da solidariedade humana. *In*: Fonseca, Janete Rosa da; Portocarrero, Priscila Gambarra de Souza (orgs.). **Estudos culturais e educação**: abordagens interdisciplinares na sociedade da diferença. Campo Grande: Ed UFMS, 2025. p. 15-36.

Submissão em 30 de julho de 2025.
Aceite em 30 de outubro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267319
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267319>